

LOUCURA, PSIQUIATRIA E OBSESSÃO: Sanatório Espírita de Uberaba-MG (1933-1980)

Raphael Alberto Ribeiro*

Toda discussão envolvendo a loucura avançou no sentido de levar aos portadores de transtornos mentais melhores condições no tratamento. Se em diversas instituições a situação ainda é bastante crítica, ao menos temos garantidos por lei, a humanização à terapêutica ministrada aos pacientes dos hospitais psiquiátricos.

Na sociedade brasileira, o século XX se responsabilizou por travestir o louco, personagem popular de qualquer cidade do interior, solto pelas ruas, em alguém extremamente perigoso, sujeito doente, devendo ser trancafiado em sanatórios e hospícios por uma vida inteira. Entretanto, paradoxalmente, foi também, ao final do século passado que, por um projeto de um deputado, Paulo Delgado (PT-MG), o Brasil tem assistido à “discriminalização da loucura”, com uma nova proposta, menos violenta, de tratar os problemas psiquiátricos. (BRASIL, 1987)

As inquietações ainda estão bem presentes em torno da grande incógnita que envolve a loucura. Quais os indícios que a evidenciam? Mais ainda, a loucura realmente existe? No Brasil, data de 1841 a criação das primeiras instituições destinadas ao tratamento dos portadores de transtornos mentais. Segundo Roberto Machado

[...] só é possível compreender o nascimento da psiquiatria brasileira a partir da medicina que incorpora a sociedade como novo objeto e si impõe como instância de controle social dos indivíduos e das populações. É no seio da medicina social que se constitui a psiquiatria. Do processo de medicalização da sociedade, elaborado e desenvolvido pela medicina que explicitamente se denominou política, surge o projeto característico da psiquiatria de patologizar o comportamento do louco, só a partir de então considerado anormal, medicalizável. (MACHADO, Roberto e outros, 1978, p. 376.)

Desta perspectiva, este trabalho pretende contribuir com essas discussões tendo como foco de análise uma instituição psiquiátrica espírita, o Sanatório Espírita de Uberaba-MG (SEU). Refletir acerca da trajetória kardecista, seu campo de atuação na busca da cura dos transtornos mentais, promovendo práticas de assistencialismo nos faz vislumbrar um vasto campo de pesquisa e perspectivas de análises.

* Doutorando em História pela Universidade Federal de Uberlândia.

O SEU foi inaugurado em 31 de dezembro de 1933 por espíritas, freqüentadores do mais antigo centro espírita da cidade, o *Centro Espírita Uberabense*. A construção do Sanatório começa em 1928 sob a responsabilidade do Dr. Henrique Von Krüger Schröder, presidente do centro espírita. Mas foi uma mulher a maior responsável pela manutenção do hospício, a médium Maria Cravo Modesto, conhecida como a *Dona da Caridade de Uberaba*. Uma história que se repete em quase todas as instituições assistencialistas espíritas. Esta kardecista, como é divulgado na imprensa espírita, dedicou sua vida na construção do SEU como “cumprimento à programação espiritual”, após *ter-se recuperado de uma enfermidade na perna e de processo obsessivo, quando foi atendida por Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo de Sacramento*. (FERREIRA, 2008, p. 37) A sua participação não se restringia à administração do hospício, mas também atuava como médium de incorporação, chamado pelos espíritas de “espíritos obsessores”, como acreditam os espíritas em se tratando de muitos casos da loucura.

O asilo fora inaugurado com 60 leitos e com poucas contribuições do poder público, era mantido através de contribuições da comunidade uberabense. Atualmente a capacidade é de 160 pacientes, quase todos eles atendidos pelo SUS e, nela, trabalham aproximadamente 100 funcionários. *O hospital é referência na região para os tratamentos psiquiátricos, utilizando-se da terapêutica biológico-medicamentosa, da psicoterapia e grupal, bem como da terapêutica espírita*. (FERREIRA, 2008, p. 38). Num levantamento inicial que vai até 1983, passaram pelo SEU 24.472 internos. (BACELLI, 1987)

O ineditismo desta pesquisa é o fato do psiquiatra ter sido espírita e adotar, segundo os kardecistas defendem, uma terapia alternativa. Inácio Ferreira (1904-1988), que residia na cidade de Uberaba, formado em 1930 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, foi convidado pela dona Cravo Modesto para trabalhar na instituição. Inicialmente, a sua relação com a instituição era apenas para dar legitimidade ao funcionamento da instituição, por não incorrer no delito de medicina ilegal. Segundo relato do Inácio Ferreira, neste momento ele ainda tinha se tornado espírita.

Eu já freqüentava o Sanatório como médico, vinha atender algum chamado e por vezes me assentava e esperava o término da sessão, para só então fazer o que era preciso. Muitas vezes quando eu chegava dona Modesta já havia visto o doente e Dr. Bezerra já havia passado suas orientações. Durante uma temporada minha função era mais pró-forma, para dar o nome “do médico” ao sanatório, pois era

necessário um responsável. Outros foram convidados. Nenhum quis aceitar e eu aceitei. Durante um ou dois anos ocorreu deste modo.¹

A existência do sanatório Espírita de Uberaba e a sua eficácia em garantir o isolamento do louco remontam uma complexidade de ações. Mais ainda, as maneiras pelas quais as pessoas se posicionaram, se fizeram presentes, lutaram para que projetos higienizadores não ficassem somente no papel. Portanto, entender as relações de forças o imaginário delineado em torno da doença (TRONCA, 2000), dos portadores de transtornos mentais e do tratamento assistencialista, nos possibilita entender a maneira como os diversos setores da comunicação local se empenharam na transformação, limpeza e coordenação do espaço urbano. Em publicação em um jornal importante local a nota reverenciando a inauguração desta instituição.

Essa obra, iniciada e concluída por um grupo de espíritas é uma das mais frisantes demonstrações do elevado de filantropia do povo de Uberaba, que nunca negou o seu concurso às obras de caridade, sem olhar-lhes o matiz religioso ou a colocação política. (LAVOURA E COMÉRCIO, 1933)

Nestas disputas por reconhecimento social, é possível perceber também como os grupos distintos coadunam práticas quando lhes convém. Neste jogo de interesse, tem peso a posição social destes agentes, o que nos leva a aceitar que parte destes militantes espíritas conseguiram um espaço importante na mídia, ou até criando o seu próprio veículo de informação. O fato de alguns kardecistas estarem ligados à intelectualidade, mesmo que não seja um número significativo, reordenou a maneira de atuação dos crentes espíritas. O discurso destes militantes encontrou ressonância em camadas diferenciadas, se não como força hábil para a conversão religiosa, ao menos como garantia de serem respeitados. (DAMÁZIO, 1994)

Se por um lado a obra assistencialista satisfazia os interesses de camadas da população, por outro se acirrava um ambiente de intensos conflitos. Em um jornal católico é evidente as disputas pela memória e pela aceitação no espaço urbano.

A propaganda espírita caracterizava-se ultimamente entre nós, pela deslealdade sorradeira e manhosa, que evitava hipocritamente os ataques ao catolicismo, para se confundir com a Igreja verdadeira, e pescar em águas turvas. A seita diabólica envidava todos os esforços

¹ Esta referência concedida por Inácio Ferreira ao Dr. Elias Barbosa, diretor do SEU de 1993 a 2003, está preservada numa parte do sanatório, reservada à memória do psiquiatra Inácio Ferreira e não está datada. Encontra-se em fase de catalogação todo o acervo pertencente à instituição, além da biblioteca do psiquiatra homenageado, disponível para a consulta.

para ludibriar os incautos, procurando fazer-se passar por amiga e colaboradora do catolicismo, que deveria ter, portanto, todo o apoio dos bons católicos. Contudo, quem não vê que toda avalanche desencadeada pela propaganda espírita se está dissipando como um pouco de fumaça, sem deixar atrás de si senão um punhado de Centros, que se vão destroçando como trastes carunchados e bolorentos? (CORREIO CATÓLICO, 1941)

As disputas eram bem freqüentes, conflitos estes expressos abertamente na mídia, nos mostrando a relação tensa entre católicos e espíritas. Em resposta à nota acima, o médico Inácio Ferreira dispara:

O Correio Católico, local, há vários meses vem fazendo algumas considerações a respeito do Espiritismo. Enquanto procurou analisar os ensinamentos kardecistas, com linguagem à altura de um jornal católico, embora interpretando a seu bel prazer e embora dando a algumas notinhas mais pesadas, eu como espírita que me prezo de ser, responsável por um Sanatório espírita, por uma instituição de moços espíritas e empregando o pouco que me resta de tempo, em outros setores da doutrina, não liguei nenhuma importância porque, obrigado a lutar pelo pão de cada dia, o que não acontece com as ordens de padres que vivem à custa do auxílio alheio, não podia perder tempo em ajudá-los a segurar a peneira com que pretendem a tapar o sol... ALTO LÁ SRS. VIGÁRIOS. Quem está agora, derrubando a máscara com que vivem no carnaval das liturgias, com fantasias apropriadas, não somos nós espíritas, que jamais aceitamos o catolicismo, seita que se foi organizando com o tempo, para só abraçarmos o cristianismo, ensinado pelo Cristo, hoje desvirtuado pelos comerciantes, por detrás de um verdadeiro balcão, sem ao menos pagar impostos. (FERREIRA, 1941)

Nas décadas de 1930 e 1940, encontramos também no cenário nacional sérias disputas de médicos com espíritas pelo discurso científico. Certos segmentos da psiquiatria chegaram a afirmar os prejuízos psíquicos que as práticas espíritas podiam ocasionar, como está presente na fala do psiquiatra Pacheco e Silva:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo, se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema. Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número intenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para restituir a saúde a doentes incuráveis, e ainda para rever entes queridos mortos. (PACHECO e SILVA, 1942, p. 5)

Em seu discurso, o médico mostra que o espiritismo e todos que exerciam a cura que não fosse pela medicina representavam uma ameaça para a suposta hegemonia da psiquiatria. Nesta disputa, a utilização de termos como incultos, superstição, rituais, estão presentes quando intencionam desqualificar outras práticas, claramente percebidas nas falas de médicos a respeito de práticas de curas não aceitas pela medicina convencional e, também, nas justificativas dos kardecistas, quando não querem ser confundidos com os cultos afro-brasileiros. Como já mencionamos, muitos espíritas faziam parte da representação política e compunham os setores da imprensa e da intelectualidade, como foi o caso do Sanatório Espírita de Uberaba, administrado por um psiquiatra e espírita, que utilizava o tratamento defendido por esta doutrina religiosa. Novamente o psiquiatra Inácio Ferreira responde num de seus livros que intenta provar a cientificidade da terapia espírita:

O maior erro da medicina oficial terrena é julgar que o túmulo é a última etapa dos seus esforços...

Enquanto persistir nesse engano, terá que se curvar perante muitos casos e muitas doenças perfeitamente explicáveis, mas que seu entendimento ainda não aceita.

E não aceita por quê?

Simple e unicamente porque não investiga além das catacumbas. Se ela aí penetrasse, guiada pela luz da razão, por seu raciocínio correto, veria o deslumbramento que se lhe oferece além das trevas, além-túmulo, e poderia divisar todo o esplendor e todas as explicações necessárias para quase tudo aquilo que a perturba e se opõe à sua marcha sublime e triunfante! (FERREIRA, 1993, p. 51-52)

Antes de Inácio Ferreira, outro médico já defendia o tratamento psiquiátrico pelo espiritismo. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), presidente da FEB em 1895 e um dos articuladores do periódico *O Reformador*, escreveu um livro intitulado *A Loucura Sob um Novo Prisma*, defendendo a matriz das doenças e da insânia advindos da espiritualidade e de traumas vividos supostamente em outras reencarnações. Na literatura espírita, este personagem foi figura central para a difusão da religião espírita, sendo alguém recorrentemente evocado pelos fiéis kardecistas.

Não é somente a religião espírita que se deve focar, instituição que administrava o Sanatório Espírita de Uberaba, mas perceber como o jogo de interesses entre os diversos segmentos sociais possibilitou o funcionamento da instituição em questão e, se possível, relacionar com outras casas assistencialistas que apresentaram caráter semelhante com o hospício.

É possível verificar que, em inúmeras cidades, mesmo não existindo um asilo específico para a loucura, comunidades assistencialistas preencheram a ausência de psiquiatras e hospícios. Foi assim com as construções dos vários hospitais chamados de Santa Casa de Misericórdia, administrada pelos católicos (MACHADO, 1978) e de hospícios dirigidos por espíritas. (STOLL, 2002.)

É possível pensar, a partir de Chartier, as práticas e representações culturais coladas às experiências concretas de vida dos sujeitos sociais. Nesse sentido, os discursos são compreendidos como representações coletivas capazes de elucidar as tecnologias de poder, bem como as práticas e ações que remetem ao controle e à disciplinarização sociais, tanto quanto às resistências à ordem instituída. Por esse viés, o conflito entre visões de mundo diferenciadas e as múltiplas vivências expressam uma maneira própria de se estar em sociedade, significa simbolicamente um estatuto e uma posição e, sobretudo, uma identidade social. “[...] *Se aceitamos que a construção do significado depende, em grande parte, das formas de transmissão e de recepção dos discursos, temos que explorar seus diferentes efeitos cuidadosamente.*” (CHARTIER, 2002, p. 52-53).

Se é evidente as relações de poder existentes dentro da instituição manicomial e os discursos elaborados em torno da loucura, é perceptível, por outro lado, as diversas táticas e maneira como as pessoas pervertem àquilo que lhes foi imposto, rejeitando essas normas ou modificando-as até mesmo inconscientemente. É nessa perspectiva que trabalha Michel de Certeau, ensinando que:

[...] Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de “virgilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz à ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los; ; enfim, que ‘maneiras de fazer’ formam a contrapartida, do lado dos consumidores (ou ‘dominados?’), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política. (CERTEAU, 2002. p. 41)

Estudar uma instituição espírita que se destacou na assistência aos portadores de transtornos mentais desde o início da década de 1930 nos possibilita refletir acerca das práticas assistencialistas locais, os discursos produzidos que funcionaram como justificativas para a institucionalização daquele tido como “anormal” e, fundamentalmente, repensar o processo de legitimação da religião kardecista. O

Sanatório Espírita de Uberaba era sustentado pela comunidade, por meios de donativos arrecadados pelos militantes espíritas. A sua eficácia mostra a convivência deste projeto assistencial com os interesses da cidade. A prática da caridade, materializada na gerência da casa manicomial, contribuía para promover, de certo modo, o espiritismo na cidade e região.

A investigação da trajetória do Sanatório Espírita de Uberaba permite pensar a confluência das vertentes de pensamento no Brasil, relacionando-os com as representações do universo simbólico dos adeptos kardecistas, associados às práticas do tratamento da loucura, a fim de aludir ao processo histórico, delineados por grupos sociais, causadores de tantas injustiças e desmandos com os portadores de transtornos mentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Inácio. **Novos rumos à medicina**. v. I . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- _____. **Novos rumos à medicina**. v. II . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- _____. **Psiquiatria em face da reencarnação**. São Paulo: Edições FEESP, 2001.
- KARDEC, Allan. **Viagem Espírita em 1862**. São Paulo: O Clarim, s/d,
- _____. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. Araras/SP.: Editora da FEB, 1996.
- _____. **Obsessão**. Casa Editora O Clarim: Matão SP. 1986.
- MENEZES, Adolfo Bezerra. **A Loucura Sob um Novo Prisma**. Rio de Janeiro: FEB, 1936.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon . **Metáforas da desordem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.). **Psiquiatria, loucura e arte – fragmentos da história brasileira**. São Paulo: Edusp, 2002.
- BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BOARINI, Maria Lúcia (org.) **Higiene e raça como projetos – higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2003.
- BRASIL, Câmara dos Deputados Federais. **Projeto de Lei 3657/89**. Brasília. 1987 (autoria de Paulo Delgado)
- CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Edifel, 1987.
- _____. **Do Palco à Página**: publicar teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo** – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. **Cidadelas da ordem**. São Paulo: Brasiliense, 1990
- DAMÁZIO, Sylvia, F. **Da Elite ao Povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994
- ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão** – médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** – história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984.
- _____. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos**: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980)**. Franca: UNESP (Faculdade de História, Direito e Serviço Social), 1998. (Dissertação de Mestrado)
- LEWGOY, Bernardo. **Chico Xavier, o Grande Mediador** – Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: Edusc, 2004
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês**: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980). São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- MACHADO, Roberto. **Danação da norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente** – textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola. 2005
- O'BRIEN, Patrice. “A história da cultura de Michel Foucault.” In: Hunt, Lynn (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992,
- PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. Revista de medicina, São Paulo, n. 26, set., 1942
- PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). **Psiquiatria, Loucura e Arte**. São Paulo: Edusp, 2002.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. **Asilo espírita “Discípulos de Jesus” de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945)**. 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis/SP: 2000.

RIBEIRO, Raphael Alberto; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, obsessão e loucura no cotidiano do Sanatório Espírita de Uberlândia/MG (1932-1970). In: ISAIA, Artur César (org.). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: Edufu, 2006.

SILVA, Eliane Moura. O espiritualismo no século XIX. **Textos Didáticos**. Campinas: IFCH/Unicamp, n° 27/ago, 1999,

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001**. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil**. São Paulo: USP (FAFICH). 1999. (Tese de Doutorado).

TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

VITO, Fausto de. **Dr. Inácio Ferreira – Vida e Obra**. Uberaba-MG: Livraria Espírita Edições Pedro e Paulo, 2007.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.